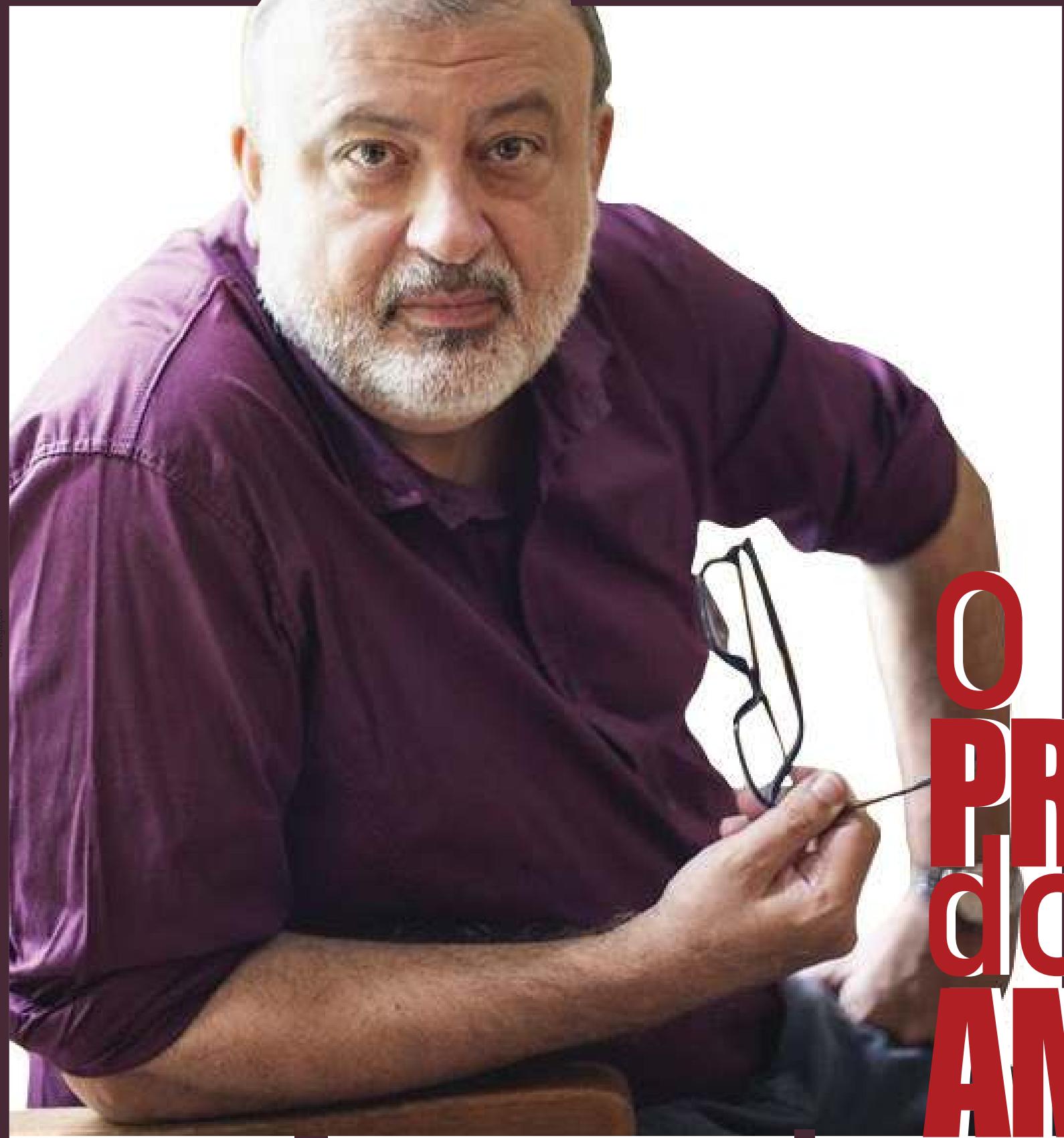


Diversão & Arte



Divulgação

Divulgação

O PREÇO do AMOR

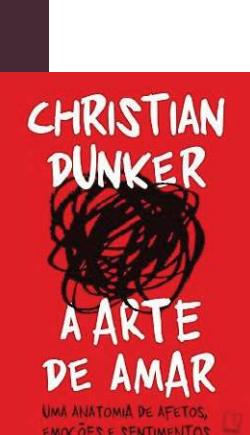
EM LIVRO QUE LANÇA HOJE NA PLATÔ LIVRARIA, O PSICANALISTA CHRISTIAN DUNKER REFLETE SOBRE AS PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E FILOSÓFICAS EM RELAÇÃO AO QUE SIGNIFICA AMAR

O » NAHIMA MACIEL
s humanos do século 21 querem amar, mas não querem pagar o preço que vem com esse sentimento. Há risco no amor, de todo tipo, lembra o psicanalista Christian Dunker, que desembarca hoje em Brasília para lançar *A arte de amar e O estudo de Lacan* na Platô Livraria, às 18h. Tema inesgotável e fonte dos maiores sofrimentos e alegrias da tragédia humana, o amor motivou o autor a investigar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, as dimensões filosóficas e históricas do amor.

E no livro dedicado a Lacan, Dunker mergulha em pesquisa na qual procura compreender por que o psicanalista, tão francês e tão ancorado em referências estranhas à sociedade brasileira, encontrou tanta receptividade no Brasil.

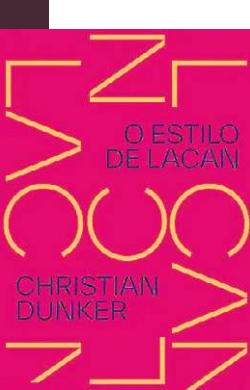
Professor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), ganhador do Prêmio Jabuti por Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica e referência na área, Dunker é também o psicanalista mais pop do Brasil. À frente do podcast *Falando nisso*, trata de temas do cotidiano pelo viés psicanalítico, sempre em diálogo com algum convidado. Com Tati Bernardi dividiu o podcast *Desculpa o Transtorno*, no qual a dupla desbrincha temas de saúde mental com uma abordagem pautada pelo humor.

Aos 59 anos, autor de livros como *O palhaço e o psicanalista*, *Lutos finitos e infinitos* e *Reinvenção da intimidade*, Dunker embarcou em um projeto pessoal de democratizar um pouco mais a psicanálise. Os podcasts fazem parte desse percurso, assim como os livros e o bate-papo que protagoniza hoje com os leitores. O momento pode ser o adequado, já que esse tipo de conteúdo ganhou popularidade nos apps de música, fenômeno que se deve, em parte, segundo Dunker, aos acontecimentos políticos recentes enfrentados pelo Brasil. Em entrevista, o psicanalista fala sobre o amor e a pesquisa que resultou no livro.



A ARTE DE AMAR: UMA ANATOMIA DOS AFETOS, EMOÇÕES E SENTIMENTOS

De Christian Dunker. Record, 224 páginas. R\$ 34,90



O ESTILO DE LACAN

De Christian Dunker. Zahar, 216 páginas. R\$ 53,20. Lançamento na Platô Livraria (CLS 405, Bl A, Lj 12), hoje, às 18h

O que motivou a escrita de *A arte do amor*?

Essa ideia de que o amor dá um certo trabalho, exige alguma técnica, mas é criação, no fundo. Falar do amor sem ser prescritivo. Sem ser aconselhador, mas tentar descrever, fazer uma anatomia desse afeto, desse sentimento. E aí tem algumas encruzilhadas mais ou menos clássicas a enfrentar. O problema da escolha e o problema da vida comum, basicamente.

Um dos temas que você trata é o amor romântico. Por que esse tema?

O livro tem essa essa dimensão meio histórica, meio filosófica, de falar da origem do romance romântico. Muita gente questiona: "Por favor, romântico, uma praga patriarcal, é um problema". E eu tento defender um pouco que é meio injusto com o amor no sentido da forma romance porque ele ainda é bastante atual na medida que nos ensina a amar. No fundo, as pessoas que reclamam do romance romântico é porque acham que foram formadas numa forma de amor que não encontram na realidade, na experiência cotidiana. Nenhum amor que seja segmento de uma narrativa, um encaixe num filme que já foi filmado, vai ser um amor interessante. Uma tese forte do livro é que a gente procura, ambiciona, sonha, muitas pessoas até se alienamna perspectiva de um grande amor, porque é um modelo ainda vigente de uma grande transformação. A gente também vira outra pessoa, às vezes, uma pessoa pior.

E por que o amor sempre envolve a ideia de sofrimento?

Acho que é bem associado com o sofrimento porque, bom, desde que a gente inventou uma forma moderna de amar, a gente associa o amor com o conflito. Os grandes romances são obstáculos, o grande amor são travessias de grandes conflitos. E, em segundo lugar, porque a gente aumenta as nossas expectativas de autonomia e de independência e o amor é uma prova dramática contra isso, quer dizer, quando a gente ama, a gente se ajoelha. Não quer dizer que a gente precisa amar passivamente ou dependentemente, mas você pode ser autônomo o quanto quiser, independente o quanto quiser, que vai ficar esperando que o outro ligue, querendo que o outro faça, decepcionado por o outro, enfim, não fez.

E qual a consequência disso?

Estamos caminhando para a ideia de que o amor é uma experiência cada vez mais rara, porque ela é um pouco anacrônica, um pouco dissonante com uma

forma de vida onde tanto a sensualidade quanto o amor, fazendo aí uma junção, são um atrapalho. Como eu falo: "Olha, se eu ficar apaixonado, eu não vou passar no concurso, eu não vou tirar boas nota na prova, vai atrapalhar minha produtividade". E isso é assim, de verdade. Ambicionamos tanto e queremos pagar tão pouco.

O que é o amor para as gerações nascidas no século 21, criadas com as redes sociais em um nível extremo de individualização?

O amor é um problema para o nosso processo de individualização. E como é que você vai se abrir para o amor? Se você se realizou perfeitamente como um indivíduo? É uma contradição. Mas eu acho que o problema chave aí não é bem isso, é o fato de que, para a gente estar à altura da nossa época, a gente precisa inventar outras formas de amar. Inventar outras narrativas, outras formas literárias, filmes, teatro. E isso é complicado, porque vivemos em um tempo em que a gente acha que vai acelerar as coisas, o começo de relações, assim como o fim, que a gente pode, enfim, tornar mais práticas as coisas do amor. O amor não é uma coisa prática, é uma coisa não prática. E isso, eu tó enfatizando, é aquele custo subjetivo que a gente não quer pagar. A gente reluta em pagar, a gente imagina que tem um jeito de usufruir do amor sem colocar o coelho dentro da cartola. Não. O coelho vai sair de dentro da cartola.

E você acha que a coragem para amar está diminuindo?

Sim. Uma das moralidades mais fortes da nossa época é aquela que vai dizer assim: "Olha, eu não sei direito o que é o certo, o que é o errado, uma boa forma de vida, o que é que é um bom amor. Mas eu sei que risco, não. Risco tributário, risco de saúde, risco subjetivo, não". Porque é, no fundo, um valor valor negativo. É uma sociedade cada vez mais avessa a começar o risco. E é um elemento importante, né? Estamos incorporando a nossa experiência.

E a inteligência artificial? Depois da terapia com ChatGPT, como fica o amor com a IA?

Quando as pessoas dizem: "Ah, eu preciso confiar, preciso ter empatia, eu fico com a IA, tô numa relação intensa", são variantes controladas. É amor. Erotismo, não. A IA oferece um tipo de amor, vamos dizer assim, barato. É aquele amor que não pergunta, que está sempre disponível, que reafirma, que diz "você é legal" o tempo todo. É um amor que mostra que,

se você está presente, já valeu. Um amor que tem uma certa atração narcisista, mas é difícil que ele crie, de fato, um processo transformativo. É mais um suporte para restaurar certas avarias que as histórias amorosas vão deixando. Certas sequelas, inseguranças. A gente precisa de algum acalanto, de algum estímulo, de algum encorajamento e isso, a IA dá. Mas, até agora, a gente não tem o que poderia chamar de uma segunda fase desse amor.

O que você acha dos aplicativos de encontros?

Eu sou totalmente a favor. Aliás, incentivo. Foi uma revolução para a terceira idade, para pessoas mais velhas, quando se sabe usar. É um pouco como o primeiro eletrodoméstico, que foi o vibrador. Não foi geladeira, não foi o fogão, foi o vibrador. Que era um negócio para acalmar as mulheres nervosas na década de 1920. Aplicativo é a mesma coisa. Tem lá o instrumento, mas não funciona na base da fantasia. Se você se oferece como um pedaço de carne, vai atrair um cardume. Tem que saber usar bem.

Por que os podcasts de psicanálise estão fazendo tanto sucesso?

Boa pergunta, acho que tem a ver com uma espécie de tempestade, entre vários elementos. Tem, de um lado, uma espécie de esgotamento do modelo que a gente, durante os últimos 30, 40 anos, foi estabelecendo sobre saúde mental, de que saúde mental começa com diagnóstico, depressão, ansiedade, é uma doença que dão no seu cérebro, você não tem serotonina, então você toma, isso vai melhorar. Depois de 30 anos, temos uma população inteira tomando remédio. E não tem nada contra antidepressivos. Mas essas questões continuam. Demora um tempo para a gente chegar nisso e dizer "eu quero mais". Eu quero saúde mental de mais qualidade, missões mais complexas. Então está ligado às questões internas da saúde mental, com questões ligadas ao mundo do trabalho, ao neoliberalismo, às formas de vida que a gente tem, que também são aceleradas, muito impessoalizantes, baseadas no estímulo-resposta, na demanda. As pessoas estão precisando e querendo aumentar a densidade subjetiva em suas vidas. E a psicanálise não é percebida como uma técnica de cura. Ela é, dentro das psicoterapias, um discurso social. E isso teve que ver com a covid, teve que ver com o Bolsonaro, isso teve que ver com vários elementos. A psicanálise tem uma teoria social, uma inflexão política.